

A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DE EJA NO PROJETO ESCOLA ZÉ PEÃO

Eduardo Jorge Lopes da Silva¹

RESUMO

Este artigo se insere no campo da formação de professores da EJA e objetivou analisar as visitas pedagógicas desenvolvidas pelo Projeto Escola Zé Peão, um programa de extensão realizada em parceria com o sindicato laboral dos operários da indústria da construção civil de João Pessoa/PB e a Universidade Federal da Paraíba. Tais visitas são consideradas imprescindíveis à formação continuada dos professores da EJA, com base na realidade.

Palavras-chave: EJA. Formação continuada. Projeto Escola Zé Peão.

1 INTRODUÇÃO

A criação do Projeto Escola Zé Peão (PEZP), como escola para os operários da indústria da construção civil de João Pessoa, deu-se logo a partir do momento em que o grupo “Zé Pião” assumiu a direção do SINTRICOM, no final dos anos 1980. Esse grupo de oposição sindical surgiu na segunda metade da década de 1970, cujas raízes foram fincadas em uma Comunidade Eclesial de Base (CEB) de um bairro popular da cidade de João Pessoa, reunindo diferentes categorias de trabalhadores, tais como: lavadeiras, operadores de máquina, operários da indústria têxtil, donas de casa, trabalhadores da construção civil, também vinculados à recém-fundada Comissão Pastoral Operária (IRELAND, 1991).

O grupo percebeu que a maioria dos operários era incapaz de ler um panfleto do sindicato, ou um aviso no mural, e, em decorrência disso, constatou que

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor da Universidade Federal da Paraíba/Departamento de Educação/Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias. E-mail: eduardojorgels@gmail.com.

o alto índice de analfabetismo e subescolarização entre os operários, se configurava como uma muralha ao objetivo de construção de um sindicato democrático e participativo. Tais desafios resultaram na luta pela criação de um dispositivo na “negociação coletiva”, entre a classe trabalhadora e a classe patronal, que garantisse o direito à Educação Básica para o trabalhador da construção civil de João Pessoa, no próprio canteiro de obra.

E, por outro lado, a ausência de políticas públicas concernentes à garantia do direito à educação na modalidade EJA, bem como o fato da gerência do Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania (PNAC)², criado pelo governo federal, ter sido transferida, para a sociedade civil e, além disso, o processo de modernização tecnológica desta mesma indústria foram, também, determinantes para a criação de uma escola que atendesse às necessidades educativas de um contingente de operários, cuja maioria carrega o estigma de mão de obra descartável e desqualificada (IRELAND et al. 1998).

Neste cenário, surge o Projeto Escola Zé Peão, em 1990, como uma escola cuja proposta era desenvolver práticas discursivas e também não discursivas que se oporiam aos moldes tradicionais de escola conhecida sob o discurso de: “classificatória”, “elitista”, “bancária”, “burguesa”, “tecnicista” etc.

Assim a escola [Zé Peão] foi concebida como uma forma de diminuir a tensão entre a proposta de uma organização e estrutura sindicais democráticas e participativas e a dura realidade de uma categoria condenada ao silêncio durante longos anos [...] (IRELAND, 1996, p. 34).

Ainda conforme Ireland (1993), a intenção educativa inicial do PEZP era se deter apenas no processo de alfabetização (Aprendizagem na Primeira Laje - APL) dos chamados “peões de obra”, os operários (serventes) da construção civil. No entanto, a realidade dos canteiros fez com que a equipe de coordenação pedagógica da época reorganizasse sua meta inicial, passando a oferecer, também,

² O PNAC foi mais um programa de alfabetização do governo federal, criado em 11 de setembro de 1990, e que funcionou promovendo “convênios e distribuição de verbas, debates e discussões sobre o tema, criando Comissões Municipais e Estaduais para uma grande mobilização em torno da questão da alfabetização e do problema do analfabetismo” (MADEIRA, 1992, p. 57).

turmas de pós-alfabetização (Tijolo Sobre Tijolo – TST) e o programa de vídeos e debates (Varanda Vídeo), montado para apoiar as atividades de sala de aula.

Ademais, o nascimento do PEZP coincide com o momento histórico em que as políticas públicas para a EJA e o direito de acesso à mesma limitavam-se a oferecer ensino ou exames supletivos, sem considerar o perfil destes educandos. Igualmente, é levado em consideração o processo de redemocratização do país, a partir, inclusive, da reorganização do movimento sindical dos operários da indústria da construção e do mobiliário de João Pessoa.

Estes fatos, portanto, nos permite identificar os enunciados de uma concepção de alfabetização/escolarização, para os operários da construção civil, como um dispositivo imprescindível para a promoção de um espírito (cidadania) consciente e capaz de atuar efetivamente no movimento sindical e na sociedade. Enunciados que remetem ao discurso da Educação Popular na perspectiva freireana, que irá requerer um professor sintonizado com as adversidades de um espaço escolar não convencional.

Neste artigo, nosso objetivo foi analisar os enunciados presentes no discurso do PEZP, sobre a formação continuada para os seus professores alfabetizadores, a partir de uma de suas ações, as visitas pedagógicas. As informações foram coletadas a partir de análise documental e da realização de entrevistas com os professores alfabetizadores³ deste mesmo projeto. E as análises se deram com base na Análise de Conteúdo de inspiração foucaultiana: a Arqueologia do Saber.

A Arqueologia do Saber “[...] busca definir não os pensamentos, as representações, as imagens, os temas, as obsessões que se ocultam ou se manifestam nos discursos; mas os próprios discursos, enquanto práticas que obedecem a regras” (FOUCAULT, 2000, p. 159). E, como método, é compreendida como uma “[...] descrição dos acontecimentos discursivos [...]” (*Ibidem*, p. 30).

Quanto ao discurso, esse é compreendido como “um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva” (FOUCAULT, 2000, p. 135).

³ Os professores alfabetizadores do PEZP são estudantes de diferentes cursos de licenciatura da Universidade Federal da Paraíba, campus I.

A análise arqueológica do discurso foi apropriada, como uma inspiração metodológica para analisar os enunciados da formação continuada de professores alfabetizadores de um programa de extensão da UFPB, a partir de uma atividade realizada por este projeto: as visitas pedagógicas.

2 A CONCEPÇÃO DE FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROJETO ESCOLA ZÉ PEÃO

Entende-se que a formação continuada é a etapa de continuação do aperfeiçoamento profissional. Ela é de responsabilidade, tanto das universidades como das secretarias municipais e estaduais de educação, bem como do próprio docente (ARROYO, 2006; FREIRE, 2005; IMBERNÓN 2010; NUNES, 2000; VEIGA, 2002). A formação continuada possui dada importância, pois é ela que ajuda a assegurar o bom desempenho dos professores em sala de aula, além de “[...] possibilitar a superação das dificuldades do cotidiano, bem como a reflexão da prática” (Isabelita, 45 anos, ex-coordenadora pedagógica do PEZP, pedagoga).

Compreendemos que a formação no campo da EJA é diferenciada das demais modalidades educativas, pois, a formação do educador parte das necessidades de aprendizagens dos educandos jovens e adultos e da realidade vivenciada pelo professor em sala de aula e no ambiente escolar.

Assim, a formação continuada do PEZP, através do acompanhamento pedagógico de seus professores alfabetizadores, realizada por intermédio de várias atividades didático-pedagógicas, constitui-se na meta que o projeto tem buscado alcançar. O acompanhamento pedagógico é o cerne da complementação formativa inicial dos professores alfabetizadores, através da formação que prioriza a sistematização, a reflexão sobre a ação, o planejamento e a prática de sala de aula articulada à teoria que estes professores alfabetizadores vivenciam em seus cursos de graduação, bem como no próprio projeto, durante o período que nele permanecem.

Em sua prática discursiva, o PEZP, compreende a formação continuada como

[...] um processo contínuo, que abrange não só o período de formação inicial – antes do ingresso em sala de aula – mas também o trabalho de acompanhamento pedagógico e que participa o professor durante toda a sua permanência no Projeto. Essa formação toma como ponto de partida os sujeitos do processo educativo, os operários da indústria da construção civil – e o contexto em que estão inseridos como trabalhadores, cidadãos, e seres humanos – e visa instrumentalizar o professor, ou seja, prepará-lo para ‘alfabetizar trabalhadores da construção civil’ [...] (IRELAND et al. 1998, p. 47).

Neste discurso, identificam-se os enunciados que ratificam a formação como processo contínuo e essencial à formação inicial, como trabalho de acompanhamento pedagógico que tem no educando jovem e adulto e o seu contexto o ponto de partida ou o eixo condutor das atividades formativas dos professores. Esta perspectiva supera a concepção de formação continuada “[...] entendida como complementação, suplência, espaço de correção das distorções e dos equívocos da prática pedagógica do professor”, como afirma os estudos realizados por Nunes (2000, p. 37).

A formação continuada do referido projeto, em toda a década de 1990 e no início dos anos 2000, contou com uma equipe de assessoria pedagógica formada por professores de diferentes áreas do saber do Centro de Educação, dos Cursos de Biblioteconomia, de Letras e de Medicina, da UFPB, e por especialistas convidados da área de Arte-educação. A formação continuada no PEZP emprega uma série de atividades, tais como: visitas pedagógicas, oficinas pedagógicas, discussões individuais ou coletivas, participação em seminários/eventos, reuniões pedagógicas, elaboração de fichas de acompanhamento do desempenho semanal do professor, participação nas assembleias do Sindicato e os encontros semestrais de avaliação de toda a equipe pedagógica.

Essas atividades enunciam a vontade de verdade do Projeto, concernente à formação de professores para o campo da EJA, e foram construídos a partir da inspiração dos princípios teórico-metodológicos que regem a prática pedagógica escolar alfabetizadora do Projeto, como também pela realidade histórico-social dos sujeitos envolvidos neste processo, a exemplo dos coordenadores pedagógicos, assessores, alfabetizadores, pesquisadores, sindicalistas e operários-alunos (CARLOS, 1996).

Mas, quais os efeitos de saber-poder presentes nestes enunciados? O que se sabe é que as ações desenvolvidas pelo PEZP não “[...] consistem de uma série de atividades pedagógicas prontas, na esperança de que os professores sejam capazes de reproduzir tais atividades em suas salas de aula”, como afirmam Barcelos e Villani (2006, p. 74), ao discursarem sobre os programas de formação continuada os quais desconsideram o contexto específico do ambiente escolar, mesmo que este ambiente seja um canteiro de obra, onde atuam os professores.

O que se percebe, então, no discurso do Projeto, é a sua intencionalidade em favor de um processo escolar, cuja vontade de verdade é melhorar a qualidade de vida dos alunos-operários e contribuir significativamente para a redução dos altos índices de analfabetismo na indústria da construção civil, a partir do entendimento de alfabetização como uma necessidade básica para a formação profissional do trabalhador-operário e a construção democrática do seu sindicato (IRELAND et al., 1998). Quanto à formação dos educadores, esta objetiva, entre outras coisas, “contribuir para a formação de professores alfabetizadores capacitados técnica e politicamente para o difícil trabalho de alfabetização com adultos trabalhadores” (IRELAND et al., *ibidem*, p. 49).

Nesse sentido, as práticas discursivas do PEZP remetem para uma epistemologia da alfabetização de jovens e adultos, focada na formação de recursos humanos (professores profissionalizados) preparados para esta finalidade. Tal ação está centrada na formação humana e cidadã deste mesmo educando, articulando teoria e prática, atenta com a realidade de vida dos sujeitos (alunos, professores e coordenação pedagógica) do processo educativo, com as mudanças dinâmicas e complexas da sociedade e com os princípios políticos-educativos da Educação Popular, como se pode constatar no seguinte discurso:

Neste sentido, a proposta de formação se desenvolve em interação contínua com a prática diária da sala de aula de cada professor e a prática diária de cada coordenador. Ao mesmo tempo sugerimos que as novas demandas do mercado de trabalho e os desafios de um mundo cada vez mais complexo exigem respostas à altura do campo da educação e, conseqüentemente, da formação. A realidade das modernas tecnologias, a complexidade de nossas sociedades, a globalização da economia mundial impõem uma formação cada vez mais complexa para o educador popular se levarmos a sério o

princípio básico da educação popular de partir da experiência e da realidade concreta dos sujeitos do processo (IRELAND, 2000, p. 30).

Ainda com relação à formação continuada do PEZP, na perspectiva da Educação Popular, o depoimento de uma membro da coordenação pedagógica trouxeram informações que confirmam o discurso acima e atribuem a este projeto sua vontade de verdade em se formar professores alfabetizadores para a EJA, com base neste paradigma da educação. Os enunciados que atribuem à formação continuada, sob a ótica da EP, compõem a seguinte formação discursiva:

O respeito ao saber dos educadores e dos educandos; o diálogo como ferramenta principal no processo de ensino aprendizagem; a sensibilidade com as dificuldades apresentadas; a confiança na capacidade do outro; o desenvolvimento da capacidade crítica dos sujeitos envolvidos.

Ametista, 51 anos, coordenadora pedagógica, graduada em História

Estes enunciados são frequentes no discurso da EP, de herança freireana, e anunciam uma outra formação discursiva, a formação humana dos sujeitos humanos (SOUZA, 2007). Tecendo esta mesma teia, constatamos, em outro depoimento, enunciados que validam a prática discursiva e não discursiva de formação continuada do PEZP, sob a égide da EP:

A partir do momento que a gente tem diálogo, que a gente vai no sentido de... disposto a ouvir o outro, né? Às vezes você elabora um plano todinho, às vezes você acha que está maravilhoso. Aí chega às coordenadoras e convida a gente a refletir sobre certas questões e, se a gente está disposto a ouvi-las, a gente modifica nosso plano todo. Às vezes não é nem uma coordenadora. Nem precisa ser uma coordenadora, é um colega, um igual, né? No diálogo ele permite isso! E eu modifico tudo que eu fiz em função de uma reflexão. Foi um diálogo! Então isso é muito próprio das práticas de Educação Popular!

Renato, 26 anos, professor alfabetizador, graduando em Pedagogia

Os depoimentos acima reforçam a prática discursiva e não discursiva de formação continuada de professores alfabetizadores do PEZP, conectada com os princípios de EP. Evidenciam, ainda, que a formação de professores, para esta

modalidade da Educação Básica, não pode prescindir de projetos de sociedade, entre eles, a inclusão do povo como sujeito de direitos (ARROYO, 2005). Por fim, revela, também, a intencionalidade política como elemento formador, tanto para os alunos da EJA, como para os profissionais de sala de aula.

Desse modo, o PEZP apresenta um discurso, cuja intenção/ação é romper com a herança “maldita” de que qualquer pessoa, independente do seu nível de escolaridade, está habilitada a ser professor alfabetizador. Este também tece seus fios discursivos com aqueles que propagam a necessidade de superar a visão de que é preciso empenho, para capacitar professores idôneos para o exercício da prática pedagógica na docência, em diferentes áreas do conhecimento. Isto porque, a história da formação docente tem sido manchada pela: “Desvalorização e desprofissionalização [como] resultados de uma política compensatória em educação, que preconiza custo e tempo menor para a formação dos professores [...]” (BASTOS, 2004, p. 49), especialmente, quando se trata do processo de alfabetização de jovens e adultos.

Por fim, a prática discursiva do Projeto vem concebendo a formação continuada de professores para a EJA como um processo sistemático, rigoroso e formativo, de respeito aos limites dos professores alfabetizadores e às necessidades educativas dos educandos jovens e adultos trabalhadores. Este trabalho formativo contínuo não seria satisfatório, segundo Deus (2005, p. 13), sem o apoio da Coordenação Pedagógica, que

[...] orienta e acompanha a prática educativa do grupo de professores. As orientações têm como objetivo a realização das atividades pedagógicas de forma significativa e contextualizada, dentro de uma perspectiva interdisciplinar, e a promoção de uma formação ampla dos educadores do projeto, por meio de visitas pedagógicas, oficinas, discussões individuais ou coletivas, participação em seminários/eventos, reuniões semanais e leitura do registro da prática educativa (desenvolvida pelos professores na sala de aula) [...].

Com base nesta formação discursiva, descreveremos apenas uma das atividades que norteiam a prática formativa continuada do PEZP, uma vez que o espaço limítrofe deste artigo, não nos permite apresentar as demais. Esta atividade

compõe a proposta político-pedagógico do Projeto e, certamente, possui efeitos de saber-poder para a formação de professores nesta modalidade de educação.

3 AS VISITAS PEDAGÓGICAS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR DA EJA

As visitas pedagógicas se constituem em um processo de observação direta, em sala de aula, realizada pelos membros da coordenação pedagógica que acompanha mais individualmente o professor alfabetizador durante sua estada no Projeto. As visitas são previamente agendadas e acordadas entre o coordenador pedagógico e o professor alfabetizador. Estas visitas objetivam “[...] observar e avaliar in loco o desempenho do educador” (IRELAND, 2000, p. 34). Elas possuem, ainda, caráter avaliativo, tanto para o coordenador pedagógico, como para o professor alfabetizador, como também formativo no que concerne ao seu objetivo, isto é, contribuir com a melhor performance didático-pedagógica do educador, levando-o a refletir sobre a sua prática em sala de aula, como asseveram os depoimentos a seguir:

Mas, na visita pedagógica elas têm um olhar diferenciado do nosso que nos faz refletir, e elas levam isso no retorno das visitas pedagógicas.

Mariana, 20 anos, professora alfabetizadora, graduanda em Pedagogia

Elas eram os bichos papões das nossas aulas. [...] Não que fosse uma coisa para tolher, para bater, para fiscalizar... ah! Era um processo de parceria. [...] E era interessante isso. Eu lembro que tive uma visita uma vez, que me deixou bastante preocupada, porque eles ficavam lá sentados no final da sala, calados e, aí, você ficava naquela eu tô agradando? Tá bom? Tá ruim? Mas, eu vejo tudo isso como um conjunto. Isso também era necessário. Tinha retorno dessas visitas. Quando vinha o relatório, o feedback, a gente recebia o relatório todo rabiscado, com as observações [...]. E tudo isso nos trazem reflexões, são importantes. Eu sou uma pessoa que gosto de ser orientada [...]. É um outro olhar sobre a tua prática e eu acho que isso é a construção da tua formação.

Flor, 36 anos, ex-professora alfabetizadora, pedagoga

Esta atividade de formação continuada na EJA, do ponto de vista da prática discursiva apresenta, como enunciado, os seguintes elementos: a) coerência metodológica (os princípios norteadores – contextualização, significação operativa e especificidade escolar) e ideológica (Educação Popular) do fazer e o pensar pedagógico do PEZP; b) desenvolvimento profissional do educador após uma etapa formativa inicial e o contato com a realidade da sala de aula na EJA em um espaço escolar atípico (o canteiro de obras da construção civil); c) a identidade com a especificidade da EJA, sob a perspectiva da Educação Popular.

Esses elementos são importantes para reflexão do formador e do professor alfabetizador visitado, uma vez que há, posteriormente, um encontro para se discutirem as observações feitas durante a visita (IRELAND, 2000). As visitas pedagógicas são um procedimento formativo que prioriza constatar como os professores alfabetizadores estão desempenhando, na prática, suas ações. Essas visitas também promovem a reflexão sobre esta mesma ação em busca do melhoramento e atendimento aos objetivos do PEZP, como reforça o seguinte depoimento:

As visitas pedagógicas é um momento de avaliar como o educador tá trabalhando em sala de aula e aquilo que ele vem planejando está sendo executado na aula, né? E, ainda tem o retorno depois dessa visita que também é um momento de crescimento. O retorno é com as coordenadoras que assistem a aula toda, e ficam só lhe avaliando naquele momento, anotando prá depois passar o que ela avalia o que poderia tá melhorando... dizer o que tá bom.

Soraya, 24 anos, professora alfabetizadora, graduanda em Pedagogia

As visitas pedagógicas propiciam à equipe de coordenação pedagógica se inteirar do progresso e das dificuldades enfrentadas em sala de aula pelo professor alfabetizador, para traçar medidas que possam ajudá-lo a superá-las, como se comprovou a partir do seguinte depoimento:

A visita pedagógica, a meu ver, é a tônica do processo formativo. Na sala de aula pode-se perceber todo o processo de ensino e aprendizagem do educador e dos educandos; as necessidades e avanços dos sujeitos envolvidos, percebendo a apropriação que o educador já tem dos conteúdos, das atividades propostas e ainda da

metodologia aplicada à luz dos princípios que norteiam a prática no PEZP. Reflete e encaminha a partir da necessidade percebida. Dependendo da necessidade, ela vira motivo para uma oficina pedagógica.

Ametista, 51 anos, coordenadora pedagógica, graduada em História

Como se verifica em relação às visitas pedagógicas, para o processo formativo de professores de EJA, constata-se que elas assumem uma importância ímpar, uma vez que possibilita a percepção do processo de ensino-aprendizagem no espaço da sala de aula no canteiro de obra, os avanços e as necessidades formativas ainda presentes no professor alfabetizador (apropriação dos conteúdos escolares, atividades didático-pedagógicas desenvolvidas e a assimilação dos princípios metodológicos do PEZP que embasam a prática educativo-escolar). Torna-se também um momento de avaliação e reflexão sobre a prática em sala de aula, tanto para o professor alfabetizador, como para o coordenador pedagógico, e servindo para constatar, ainda, a execução dos planos de aula previamente elaborados e discutidos nos encontros de planejamento. Outrossim, elas ajudam a traçar atividades do tipo oficinas pedagógicas, conforme a necessidade concreta destes educadores.

Observa-se, ainda, o diálogo reflexivo em torno da ação do professor alfabetizador e, a partir das informações obtidas pela observação, torna-se um veículo motivador do crescimento profissional, através da reflexão crítica sobre a prática pedagógica, realizada em sala de aula no canteiro de obra. Logo, este tipo de atividade pedagógica possui relevante contribuição para o processo formativo contínuo dos professores alfabetizadores do PEZP. Ainda, os elementos da prática, que caracterizam o fazer e o saber pedagógico do Projeto, funcionam também como dispositivos formativos do educador da EJA. As visitas pedagógicas, mais do que observar a prática do professor e, em seguida, refletir criticamente sobre os pontos observados, oportunizam ao professor repensar suas ações a partir do olhar externo sobre a sua prática. É uma forma de orientá-lo também no sentido de tomar decisões de forma autônoma para melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem na EJA.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, constata-se que a formação continuada, a partir da visita pedagógica, retroalimenta a prática pedagógica e docente, isto é, na medida em que oportuniza ao coordenador observar, refletir e apontar suas contribuições para o professor alfabetizador, propicia também seu aprimoramento, para atender as questões observadas durante a visita pedagógica realizada.

Em síntese, identificam-se neste discurso os enunciados que reforçam a necessidade do acompanhamento pedagógico do trabalho do professor da EJA, seja ela em nível de alfabetização, pós-alfabetização, ou séries e anos mais adiantados, para ajudá-lo no seu processo de aperfeiçoamento profissional, ao longo do exercício da docência.

Todas as estratégias referentes à prática discursiva e não discursiva do PEZP para a formação de professores alfabetizadores representam certa contribuição, um norte, uma indicação de que é possível pensar e fazer em termos de formação continuada de professores para a EJA, com sistematização, regularidade, rigor acadêmico, reflexão sobre a prática e avaliação. O Projeto aponta indícios de que, mesmo trabalhando com alunos-professores de diferentes licenciaturas, é possível articular a formação inicial, oferecida pela Universidade, com a formação concomitante, no sentido de que esta seja essencial para a construção de um profissional com boa bagagem teórico-prática, ou seja, onde não apenas a teoria, mas a articulação da teoria com a prática, seja imprescindível à validação do tripé reflexão-ação-reflexão ou teoria-prática-teoria.

O PEZP, com sua intencionalidade formativa, demonstra superar a velha problemática que, durante décadas, ainda vem condenando a EJA, especificamente no campo da alfabetização, à formação de professores alfabetizadores aligeirada, não continuada, não rigorosa e descompromissada socialmente com os milhares de jovens e adultos.

As estratégias formativas do PEZP, ainda, possuem uma direção pautada no discurso de que Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática, sistematização e rigor. Estas estratégias orientam o professor alfabetizador e, igualmente, o professor de outras áreas do saber, atuante na EJA, a refletir sobre sua prática, a superar a

ingenuidade da ação docente espontânea e individualista, a qual não permite um olhar crítico e inacabado sobre o fazer e o pensar pedagógico.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (Orgs.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BARCELOS, Nora Ney Santos; VILLANI, Alberto. **Troca entre universidade e escola na formação docente**: uma experiência de formação inicial e continuada. *Ciência e Educação*, v. 12, n. 1, p. 73-97, 2006.

BASTOS, Maria Helena Câmara. Histórias da profissão docente no Brasil: mosaicos de uma formação. In: TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva et al. (Orgs.). **História e formação de professores no Mercosul/Cone Sul**. Porto Alegre: Universitária/UFRGS, 2004.

CARLOS, Erenildo João. **Visita pedagógica**: subsídios para re-pensar o planejamento cotidiano do ensino da matemática no Projeto Escola Zé Peão. João Pessoa: [s.n.], 1996 (Fotocopiado).

DEUS, Milene Maria Machado de. **A interdisciplinaridade no Projeto Escola Zé Peão**: discursos e práticas. 2005. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Tradução por Luiz Felipe Baeta Neves. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores**. Tradução de Juliana dos Santos Padilha. Porto Alegre: Artmed, 2010.

IRELAND, Timothy Denis et al. **Prêmio educação para a qualidade do trabalho**: Projeto Escola Zé Peão. João Pessoa: [s.d.], 1998. Fotocopiado.

_____. A construção de um processo de formação para educadores-alfabetizadores: reflexão em torno de uma experiência no nordeste brasileiro. **La Piragua**: revista latinoamericana de educación y política, México, n. 17, p. 29-37, 2000.

_____. **As bases sociais do projeto escolar nos canteiros: a indústria da construção civil, sua força de trabalho e a luta do sindicato dos trabalhadores dessa indústria.** João Pessoa: [sn], 1991. Fotocopiado.

_____. Escola Zé Peão: uma prática educativa com operários da construção em João Pessoa. **Alfabetização e cidadania:** revista de Educação de Jovens e Adultos da RAAAB, São Paulo, n. 4, p. 33-40, 1996.

_____. **Projeto Escola Zé Peão.** João Pessoa: [s.n.], 1993.

MADEIRA, Vicente de Paulo Carvalho. O desafio fundamental do Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania – PNAC. **Em Aberto**, Brasília, ano 10, n. 50/51, abr./set., 1992.

NUNES, Cely do Socorro Costa. **Os sentidos da formação continuada de professores. O mundo do trabalho e a formação de professores no Brasil.** 2000. 152 f. Tese de Doutorado em Educação – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2000.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Prefácio.** In: SHIGUNOV NETO, Alexandre; MACIEL, Lizete Shizue Bomura (Orgs.). Reflexão sobre a formação de professores. Campinas/SP: Papyrus, 2002 (Coleção magistério: formação e trabalho pedagógico).